



ENTRE O HUMANO E O ANIMAL: OS DISCURSOS PRESENTES EM OS GATOS TE ESPERAM, DE ANDERSON RODRIGUES

Mayara Macedo Assis (UFG/PPGLL/NELIM/CAPES)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/PPGLL/NELIM/CNPq)

Abstract: The general objective of this article is to investigate the discourses present in the short story *Os gatos te esperam* (*The cats are waiting for you*), by Anderson Rodrigues. The story addresses the urban legend according to which students who fail to graduate from UnB (University of Brasília) turn into cats and start living in the institution. As a specific objective, the analysis focuses on the dichotomy between ‘human x animal’ in the narrative and the world-views that result from this opposition. The essay is based on Ecosystemic Discourse Analysis (EDA) and, to address the issue of humanity and animality, Ecofeminism in its animalist perspective is also employed. This theme is justified by the scarcity of essays addressing non-human forms of life in EDA. The analysis focuses on the fictional interactions that occur in the narrative, observing how discourses emerge from them. It is evident, in general, that usually the human being is not seen as just another animal species, but rather as antagonistic to animals, contradicting the principles of EDA, which proposes ecocentrism over anthropocentrism.

Key-words: Ecosystemic Discourse Analysis; Humanity; Animality.

Resumo: O objetivo geral deste trabalho é investigar os discursos presentes no conto *Os gatos te esperam*, de Anderson Rodrigues. O conto aborda a lenda urbana segundo a qual alunos que não conseguem se formar na UnB se transformam em gatos e passam a viver na instituição. Como

objetivo específico, tem-se a análise da dicotomia entre humano x animal na narrativa e as visões de mundo que decorrem dessa contraposição. O trabalho é embasado na Análise do Discurso Ecológico e, para se abordar a questão da humanidade e animalidade, recorre-se também ao Ecofeminismo em sua vertente animalista. Tal temática justifica-se pelo fato dos trabalhos que falam sobre formas de vida não humanas na ADE ainda serem escassos. Na análise, foca-se nas interações ficcionais que acontecem na narrativa, observando de que modo os discursos emergem a partir delas. Evidencia-se, de modo geral, que normalmente o ser humano não é visto como mais uma espécie animal, mas sim como antagônica aos animais, contrariando os princípios da ADE, que propõem o ecocentrismo em detrimento do antropocentrismo.

Palavras-chave: Análise do Discurso Ecológico; Humanidade; Animalidade.

1 Introdução

A Análise do Discurso Ecológico (ADE) é uma forma de se fazer análise do discurso partindo da Ecologia (COUTO; FERNANDES, 2021), assim como a Linguística Ecológica (LE), sendo esta a vertente da Ecolinguística (COUTO, 2007) que é praticada no Brasil. Como o nome já indica, o conceito de ecossistema é central para a teoria, de modo que todos os discursos são analisados partindo das interações que ocorrem no ecossistema linguístico (COUTO; COUTO; BORGES, 2015). Ecossistema, na LE, é entendido como o conjunto de três elementos: um povo (P) em determinado território (T) interagindo por meio da língua (L), no qual a língua é a própria interação.

O que diferencia a ADE das demais teorias é justamente o seu viés ecológico, em outras palavras, a Visão Ecológica de Mundo (VEM). Trata-se de uma forma de ver o mundo que leva em consideração todas as formas de vida, visando ao equilíbrio e à harmonia entre os ecossistemas (COUTO; FERNANDES, 2021). Quando se fala em todas as formas de vida, não se estabelece uma hierarquia entre elas. Ou seja, na VEM, todas as espécies têm igual direito à vida e à autorrealização.

Partindo desse princípio, é possível recorrer aqui às ideias do Ecofeminismo, principalmente em sua vertente animalista. Ao contrário do que o nome sugere à primeira vista, o Ecofeminismo não trata apenas de questões de gênero, mas propõe uma conexão entre a

ECO-REBEL

opressão de gênero e do meio ambiente e, indo além, reconhece ainda que todas as formas de opressão existentes estão interconectadas (CARROBREZ; LESSA, 2019).

Na sua vertente animalista, reconhece-se não apenas que as mulheres e a natureza são tratadas como se estivessem a serviço do homem, mas que todas as formas de vida – humanas ou não – também estão sujeitas a esse processo de subordinação. Assim, surgem os binarismos que tanto impactam as visões de mundo e as relações sociais. Como exemplo, tem-se a dicotomia entre homem e mulher, natureza e cultura, humano e animal, dentre outras.

É a partir da dicotomia humano x animal que surgiu o tema aqui proposto neste trabalho. Apesar da ADE frisar a importância das vidas não humanas, há poucos trabalhos desenvolvidos que de fato abordam essa temática. Dentre os encontrados, os corpus analisados foram notícias e programas televisivos, como se vê nos trabalhos de Forte (2020) e Jacobs e Suwondo (2023), não havendo ainda uma ênfase na literatura.

Aqui ptou-se então por textos literários não apenas para suprir essa lacuna, mas também porque a literatura representa aspectos do contexto sociocultural no qual se insere (COSSON, 2009), evidenciando assim visões de mundo e modos de conduta da sociedade que podem ser revistos conforme a necessidade. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é investigar os discursos presentes no conto *Os gatos te esperam*, de Anderson Rodrigues, parte da coletânea *O gato e outros contos felinos*, publicado em 2021 pela editora Pulp Fiction!. O foco é a dicotomia humano x animal na narrativa e as visões de mundo que decorrem dessa oposição, observando-se assim as interações ficcionais que acontecem na narrativa e os discursos que emergem delas.

Para além desta introdução, este artigo está dividido em mais três seções. Na primeira, abordam-se os pressupostos teóricos que embasam o trabalho, evidenciando os principais pontos da Análise do Discurso Ecológico e do Ecofeminismo animalista. Em sequência, há a apresentação do conto e a análise propriamente dita, em que as relações entre humano e animal são evidenciadas. Por fim, tecem-se as considerações finais sobre o assunto, com a intenção de esperançosamente abrir as portas para futuros estudos.

2 Análise do Discurso Ecológico (ADE) e Ecofeminismo

Conforme já mencionado na introdução, a Análise do Discurso Ecológico (ADE) é uma nova forma de se fazer análise do discurso, uma disciplina que compartilha vários conceitos com a Ecolinguística, cujo marco no Brasil é a publicação de Couto (2007). Como já indicado pelo próprio

ECO-REBEL

nome, a Ecolinguística tem sua base epistemológica na Ecologia e estuda as interações nos ecossistemas linguísticos, lembrando que a língua é a própria interação, e não um instrumento para a interação.

A ADE, por sua vez, estuda os discursos e as construções de sentidos nos ecossistemas linguísticos, considerando o discurso como “a relação entre os modos de ver/interpretar o mundo (perspectivas) em dado ecossistema linguístico e como se pode interagir comunicativamente/agir a partir deles” (SILVA, 2022, p. 19). O seu grande diferencial é a Visão Ecológica de Mundo (VEM), que consiste em ver o mundo (o meio ambiente e todas as espécies vivas – humanas, animais e vegetais) de modo ecocêntrico e não antropocêntrico, valorizando a autorrealização de todas as espécies, a diversidade e o bem-estar coletivo.

A ADE é pautada na ideologia da vida ou ecoideologia. Dessa forma, seus princípios básicos são: amenizar o sofrimento, superar a vulnerabilidade e preservar a vida (COUTO; FERNANDES, 2021). Sendo assim, a ADE considera nos seus estudos as dimensões natural, mental e social, defendendo a vida de todos os seres vivos e lutando contra o sofrimento evitável (COUTO; COUTO; BORGES, 2015; COUTO; FERNANDES, 2021), pois “o ser humano é apenas um dos constituintes do meio ambiente, um ser microcômico que, na relação com todos os outros seres, integra o macrocosmo” (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 8).

Tendo como ponto de partida a harmonia nos ecossistemas e a preservação da vida, há alguns conceitos e categorias que se tornam importantes em uma análise, como podem ser vistos em Couto (2013). Para o propósito desta análise, serão considerados os conceitos de comunhão e os elementos da interação comunicativa. A comunhão é um estado de abertura para a comunicação, é a harmonia entre os interactantes que permite com que haja a interação (COUTO, 2013).

Os elementos da interação comunicativa, por sua vez, são os interactantes, o tempo e o espaço, podendo variar a depender do tipo de interação, que são: face a face – prototípica, virtual – por intermédio das tecnologias e potencial – por meio da leitura/escrita (COUTO; FERNANDES, 2021). Entretanto, a interação potencial ocorre entre escritor e leitor, não se confundindo com aquela que ocorre dentro da própria narrativa. Essa é a interação ficcional, que ocorre na narrativa em sua imanência, cujos elementos estão sintetizados abaixo:

ECO-REBEL

Quadro 1. Interação ficcional

Aspectos da interação	Interação ficcional
Interactantes	Personagem-personagem Personagem-espço Personagem-narrador
Tempo	Datado Não datado
Espço	Espço realista Espço imaginativo Espço fantasista

Fonte: Assis; Couto; Pinheiro (2023)

É a partir desses elementos que a narrativa aqui em análise será estudada, em consonância com os pressupostos teóricos de Ecofeminismo animalista. Conforme já explanado, o Ecofeminismo propõe uma conexão entre as dicotomias homem-mulher e cultura-natureza: o feminino é associado ao mundo natural e ambos são colocados em uma posição subalterna, como objetos de domínio. Diante da conexão entre as diversas formas de opressão, o ecofeminismo animalista questiona não apenas a relação opressiva entre os gêneros, mas também o domínio dos seres humanos sobre a natureza e sobre outras espécies (KHEEL, 2019).

Dessa forma, combater um tipo de opressão significa combater todas, pois a visão de mundo que as sustenta é a mesma. Trata-se também da visão de mundo que sustenta o pensamento dicotômico, aqui representado pelo antagonismo entre humano x animal. Conforme afirma Ingold (1995), na nossa sociedade não se pergunta o que torna os humanos animais de determinada espécie, mas sim o que os torna diferente dos outros animais.

A partir dessas teorias, é possível olhar com outra perspectiva para as dicotomias que predominam em nossa sociedade, em especial aquela entre humanidade x animalidade. Inclusive, vale ressaltar que, na antiguidade clássica, “anima” designava o princípio da vida de todo ser animado, humano ou não. É a partir do século XVII, com o racionalismo cientificista moderno, que a palavra “animal” passa a pressupor a exclusão dos humanos e contraponto a eles (MACIEL, 2023).

Segundo Maciel (2023), os sentidos da palavra “animal” variam em diferentes línguas e culturas e, para além dos contextos nos quais se inserem – científicos, filosóficos, políticos etc. – são também perpassados pela imaginação, superstições e preconceitos. Os animais fazem parte do imaginário da humanidade, lembrando que é por meio da imaginação que se cria, distingue e

reproduz imagens simbólicas, enquanto que o imaginário é a forma como essa faculdade humana é operacionalizada (COUTO, 2012).

A partir da presença dos animais em configurações poéticas e artísticas, surge o que se chama de zooliteratura: “o conjunto de práticas literárias ou obras (de um autor, de um país, de uma época) que priorizam o enfoque de animais a partir de diversos recursos ficcionais e estratégias narrativas” (MACIEL, 2023, p. 27). Todas essas simbologias e representações, entretanto, estão a serviço dos valores humanos, como se verá adiante.

É importante ressaltar também que essas simbologias diferem conforme a época e o local. No que diz respeito aos felinos, especificamente, Machado e Paixão (2014) afirmam que a representação simbólica dos gatos e a interação do ser humano com eles parecem andar juntas, se relacionando ainda a questões éticas e impactando nas visões especistas e antropocêntricas.

As autoras afirmam ainda que o simbolismo representa a admiração ou medo do ser humano em relação a determinada espécie. Por isso, por exemplo, no Egito Antigo gatos eram endeusados e, na Idade Média, eram demonizados. Essa representação simbólica determinava o tratamento que seria dispensado a eles, e conseqüentemente como se daria a relação humano-animal. Independente de serem adorados em alguns contextos e temidos/desprezados em outros, os gatos continuam instigando a curiosidade, pois têm sido vistos como criaturas místicas que fogem da compreensão humana, como se notará na seção seguinte.

3 Os gatos te esperam: análise

O conto aqui em análise, *Os gatos te esperam*, de Anderson Rodrigues, faz parte da coletânea *O gato e outros contos felinos*, organizado por DerMond e Gutenberg Löwe e publicado em 2021 pela editora Pulp Fiction!. Trata-se do volume 5 da série *Clássicos & Contemporâneos*, que reúne contos clássicos e contemporâneos de autores estrangeiros e brasileiros, selecionados e agrupados dentro de uma determinada temática. O volume 5 tem como temática os gatos e conta ao todo com nove histórias, sendo uma delas um conto clássico de um autor estrangeiro e oito contemporâneos de autores brasileiros.

O autor do conto escolhido, Anderson Rodrigues, é um profissional de educação física que se formou na Universidade de Brasília (UnB). Escreve diversos gêneros e já participou de outras antologias e revistas. As experiências vividas durante a sua formação na UnB com certeza foram a motivação para a escrita da narrativa, visto que o conto em questão aborda, a partir da perspectiva

de um estudante, a lenda urbana segundo a qual alunos que não conseguem se formar na UnB se transformam em gatos e passam a viver na instituição.

Essa temática foi inclusive decisiva na escolha deste conto em específico dentre os nove presentes no livro, visto que a lenda é um assunto conhecido entre estudantes e servidores não apenas da UnB, mas de todo o país. Trata-se de um assunto que já chegou a ser noticiado em veículos de grande circulação, como o G1, conforme mostra a imagem abaixo:

Figura 1. Notícia G1

Gatos da UnB são alunos que não se formaram? Estudantes falam sobre lenda na universidade

Nos corredores do campus, felinos chamam atenção pela quantidade. Boato é que alunos que não conseguem se formar se transformam em gatos; no aniversário de Brasília g1 mostra lendas da capital.

Por Bruna Yamaguti, g1 DF
21/04/2023 05h59 · Atualizado há 7 meses



Fonte: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/aniversario-brasilia/noticia/2023/04/21/gatos-da-unb-sao-alunos-que-nao-se-formaram-estudantes-falam-sobre-lenda-na-universidade.ghtml>

O conto narra a história de um estudante prestes a fazer uma prova que vai decidir os rumos da sua vida acadêmica. Enquanto confronta a grande possibilidade de reprovar, ele evoca as alegrias e angústias da sua trajetória na universidade e relembra também a lenda que circula pela instituição, pensando se virar gato seria o seu destino. No decorrer da narrativa, a sua metamorfose vai ocorrendo gradualmente e as relações entre humano e animal vão sutilmente se tornando evidentes.

Antes de adentrar as minúcias do enredo, é importante explicitar os elementos da interação ficcional presentes no conto, sendo eles: interactantes, tempo e espaço. O protagonista do conto é um estudante chamado Hugo. Não se sabe a idade que ele tem nem o curso que ele faz, mas ele relata estar no décimo semestre, em termos de tempo cursado. No que diz respeito às disciplinas concluídas, ele acredita estar no sétimo ou oitavo, demonstrando incerteza acerca de quanto falta para se formar. Considerando-se essas informações e pressupondo que ele tenha entrado na universidade logo após terminar o ensino médio, Hugo deve ter cerca de 21 ou 22 anos.

Além dele e dos gatos da instituição, apenas um veterano de Hugo aparece, mas apenas nas lembranças do protagonista. O conto é narrado em terceira pessoa mas se concentra nas vivências do protagonista, pois se passa como um fluxo de consciência

ECO-REBEL

do personagem. Isso não impede a análise da interação, pois como já dizia Benveniste nos estudos enunciativos, mesmo o monólogo tem um caráter dialógico (BENVENISTE, 1989).

O tempo da história não é datado, o que confere atemporalidade à lenda que circula pela universidade. Como não se sabe exatamente quando os primeiros gatos surgiram na instituição e começaram a se multiplicar, o enredo se torna verossímil em qualquer momento da história em que a lenda se faça presente e seja difundida entre as pessoas, universitárias ou não.

A história se passa em dois espaços diferentes: na casa do estudante, mais especificamente no quarto e na cozinha, e na própria UnB. O espaço da universidade é o que mais tem impacto na narrativa, pois é evocado mesmo quando o estudante está em casa e é onde de fato o destino de Hugo é selado.

Apresentados esses elementos, parte-se agora para a narrativa em si. Em primeiro lugar, vale aqui uma menção ao título da história, no qual há uma espécie de interlocução com o leitor. O uso do pronome pessoal oblíquo na segunda pessoa, *te*, em os gatos *te* esperam, mostra que o encontro com a animalidade pode acontecer com qualquer um de nós. É como se dissesse: os gatos não se encontram apenas à espera de Hugo, mas estão à *sua* espera também.

O conto se inicia com Hugo estudando, no seu quarto de madrugada, para uma prova decisiva. Já nas primeiras linhas, seu desconforto físico e emocional é evidenciado: o estudo é marcado por suor, tremor, respiração acelerada e privação de sono – todos esses sintomas de ansiedade. O trecho abaixo relata a sua vontade de arrancar as roupas e sumir, abandonando o estudo e toda a vida como ele conhece para trás:

Era madrugada, e ele se sentia mais desperto do que durante o dia. Daqui a pouco o despertador iria tocar e avisar que era hora de ir fazer a prova que definiria sua vida acadêmica, mas a sua vontade naquele momento era arrancar as roupas do corpo e fugir pelos telhados para nunca mais ser encontrado. Os miados vindos de lá eram convidativos (RODRIGUES, 2021, p. 50).

No início da história, a lenda que circula pelos corredores da UnB sequer é mencionada, mas já é possível notar que Hugo exibe algumas características felinas, visto que gatos são conhecidos por serem noturnos. Independente de residirem na rua ou em casas e apartamentos com seus tutores, aqueles que já conviveram com a espécie podem relatar que o pico de sua energia e de suas atividades é sempre pela madrugada, assim como para Hugo. Dessa forma, sua vontade de

ECO-REBEL

arrancar as roupas e sumir pelos telhados é na verdade um desejo de encontro com a animalidade e, em consequência, com a liberdade e anonimato que lhe são privados enquanto ser humano.

Diante da incapacidade de revisar o conteúdo por causa de todos os sintomas relatados, Hugo vai para a cozinha procurar algo para comer e escuta o barulho de um rato vindo de algum lugar indistinto:

Em algum lugar da casa, um rato roía algo, o barulho era irritante e o distraía de seu desespero. O silêncio da madrugada amplificava aquele som incômodo. Hugo desligou o computador – não conseguiu revisar o conteúdo, de qualquer forma – e foi procurar algo para comer. Encontrou presunto cru e achou bastante satisfatório. Enquanto comia, mapeava mentalmente por onde o ratinho se movia. Era impressionante como conseguia identificar cada movimento do roedor. Algo em seu corpo dizia que ele conseguiria capturar o pequeno animal, caso quisesse (RODRIGUES, 2021, p. 50).

O incômodo com o barulho do rato, o gosto pelo presunto cru, a percepção dos movimentos do animal e o pensamento sobre captura são sinais da metamorfose por vir, da animalidade começando a se sobrepor à humanidade. Não é característico dos humanos identificar os movimentos de roedores com tanta clareza, mas, em contrapartida, o ruído funciona como uma distração do desespero. Tal fato também pode ser um indicativo da transmutação iminente, visto que uma preocupação acadêmica se esvai para dar lugar a algo completamente banal: a atenção a um barulho (algo que comumente deixa os felinos em alerta).

A sua humanidade volta a se sobrepor à animalidade quando chega a hora de ir para o campus. Durante o caminho, ele começa a se questionar sobre os rumos que a vida acadêmica tomou – onde ele errou, o que ele queria para a sua vida etc. Esse remoer o passado e antecipar o futuro são peculiaridades dos homens, inclusive os atrapalhando em seus afazeres diários, visto que Hugo relata ter reprovado antes por crises de ansiedade e consequentes doenças advindas da imunidade baixa.

Já no *campus*, ele relata se sentir mais em casa do que na sua própria moradia e se questiona onde estaria o veterano que o apadrinhou no primeiro semestre da universidade, lembrando-se inclusive de uma fala dele: “em faculdade pública não se paga mensalidade, mas você acaba pagando com a alma”. Apesar de ter sido uma fala proferida por um estudante em específico, é possível afirmar que ele não é a origem do enunciado. Trata-se de uma concepção enraizada naquele ambiente, advinda de vozes distintas e origens indefinidas, que acaba sendo assimilada por novos alunos. Assim, todos eles acabam por reproduzir a máxima de que a faculdade se

ECO-REBEL

alimenta da alma de seus alunos. O mesmo pode ser dito sobre o ditado segundo o qual "aluno que não se forma vira gato":

“Aluno que não se forma vira gato”, lembrou-se do ditado, sempre repetido pelos colegas, uma piada pela quantidade de gatos que circulavam pelo campus, em quantidade pouco menor que a de formandos. Hugo nunca gostara daquele tipo de brincadeira. Ela ignorava o individual, não fazia diferença o que cada um havia passado, e, no final, o julgamento era igual para todos (RODRIGUES, 2021, p. 52).

Nota-se que o dizer é simplesmente repetido e repassado sem se conhecer a sua origem. Além disso, há dois aspectos a serem destacados nessa passagem. Em primeiro lugar, a superpopulação de gatos no *campus* é motivo para brincadeiras e piadas, e não preocupação e ação. Ninguém parece questionar de onde esses animais vêm, se estão recebendo os cuidados necessários (tais como atendimento médico e alimentação) e o que poderia ser feito para o seu bem-estar.

Em segundo lugar, Hugo encara o ditado como um julgamento, como se virar gato fosse a punição pelo desempenho acadêmico insatisfatório. Tal visão advém do antropocentrismo, a concepção de que a espécie humana é superior às demais. Dessa forma, ser transformado em outra espécie é visto como um rabaixamento, um castigo. Esse momento em que ele confronta o que acredita ser o seu destino – virar gato – é quando de fato a transmutação começa a ocorrer lentamente. Ele relata o desejo de vagar pela instituição, “como um espectro num recorte de tempo deslocado da realidade” (RODRIGUES, 2021, p. 52), de um modo que os felinos costumam fazer, pois são animais que às vezes parecem alheios ao seu redor. O que inclusive é demonstrado no conto, quando Hugo estranha um gato roçando a sua perna, “visto que todos eram tão alheios aos transeuntes” (RODRIGUES, 2021, p. 52).

Ao fazer contato com esse gato misterioso, o protagonista começa a se sentir mal: ânsia de vômito, ondas de calor, suor e possível febre. Ele vai para a sala de aula acompanhado pelos felinos, “cada dia mais próximos, cada vez o reconhecendo mais como um deles” (RODRIGUES, 2021, p. 53). Após a prova, com a certeza de ter sido reprovado, o deslocamento da realidade, dissociação do próprio corpo e reconhecimento cada vez maior de barulhos e dos próprios gatos o acompanham.

A rememoração de momentos marcantes de sua vida – ser aprovado no vestibular, abraçar a família, andar no *campus* pela primeira vez, beber com seu veterano etc. – são os últimos

ECO-REBEL

momentos que marcam a sua experiência enquanto humano. Após a prova, no banheiro, enquanto lida com sintomas estranhos e encara seu reflexo no espelho, a transmutação de fato acontece:

A sua cabeça coçava, e, ao passar os dedos, tufo de cabelo saíram junto com as unhas, que se soltaram dos dedos com facilidade. Seus ossos estalavam como se fossem quebrar, uma dor quente irradiava pela sua coluna. Sentia gosto de sangue nas gengivas, os dentes pontudos machucavam sua boca. A pele do seu corpo parecia descolada da sua carne, suas roupas, folgadas e desnecessárias, mas em momento algum sentiu medo ou estranheza com aquilo (RODRIGUES, 2021, p. 54).

A falta de estranheza com o processo pode ser devido ao fato de que era um destino esperado e de que, após se tornar gato, esqueceu-se o que era ser humano. Ele tenta se lembrar por que estava angustiado antes e não consegue. Se questiona se passou na prova ou não, e logo descarta o pensamento devido à sua desimportância. Aqui, cabe refletir que habitar o corpo do animal é também assumir seus sentimentos, desejos e pensamentos, o que, segundo Maciel (2023, p. 140), "desestabiliza nossa racionalidade e nos possibilita divisar nossa própria animalidade". Dentro do corpo de um animal, todas as angústias humanas se dissiparam e deram lugar ao modo de viver e de enxergar o mundo do felino.

Para Castro (2002 *apud* MACIEL, 2023), pontos de vista estão no corpo e animais veem as coisas diferentes porque têm corpos diferentes, no que diz respeito às capacidades e não à anatomia. Dessa forma, a capacidade de pensar, sentir e ter uma visão de mundo não são exclusivamente humanas e, com inventividade e empatia, é possível capturar algo da subjetividade animal (MACIEL, 2023). É exatamente o que ocorre aqui quando as preocupações de Hugo se esvaem após a transmutação: no corpo de um felino, só é possível uma visão de mundo felina, mesmo que conjecturada a partir de uma perspectiva humana.

Por fim, Hugo olha o gato que o estava acompanhando desde cedo e reconhece seus olhos: o veterano que o havia recepcionado anos atrás. E o conto se encerra com o seguinte trecho: "Hugo já não chorava, não sentia mais vontade. Apenas se levantou e se espreguiçou. O gato que o vigiava iria apadrinhá-lo mais uma vez" (RODRIGUES, 2021, p. 55). Hugo descobre que o veterano que o apadrinhou nunca o abandonou, mas sim se transformou em gato e o recebeu não uma, mas duas vezes na universidade. É apenas como gato que Hugo o reconhece, demonstrando que o reconhecimento entre espécies diferentes é praticamente inexistente.

Esse encontro final entre calouro e veterano, ambos metamorfoseados, leva a uma inquietação a respeito da comunhão. A comunhão é um conceito indispensável quando se pensa

ECO-REBEL

em interação comunicativa. Trata-se de uma predisposição à comunicação, pois a antecede. É um entendimento prévio, uma abertura do canal para a comunicação. “Comunhão não pressupõe uma língua em comum. Pelo contrário, é a comunicação e, por extensão a língua, que pressupõem algum tipo de comunhão prévia” (COUTO, 2013, p. 46). Nota-se assim que, sem comunhão, não há interação.

Em Couto (2017), há uma extensa reflexão acerca das origens da palavra e os significados que ela tem, tanto em contextos gerais quanto na linguagem. O autor afirma que a palavra remete ao sentido religioso e à partilha de crenças e ideias, bem como ao ato de participar de algo e estar em contato. No contexto da comunicação, os primeiros estudiosos que falaram em comunhão se referiram ao vínculo estabelecido por meio das palavras (COUTO, 2017). Entretanto, conforme já mencionado, a comunhão precede a interação verbal, pois é ela que permite que haja a troca de palavras. Na verdade, ela pode existir até mesmo sem a troca de palavras, que é o caso da comunhão entre espécies diferentes.

É inegável que os animais se comunicam entre si e possuem sistemas próprios para isso – movimentos corporais, cantos, ruídos etc. Entretanto, não possuem um código linguístico tal como os humanos, o que significa que não pode haver troca verbal entre diferentes espécies. Entretanto, considerando-se que, na comunhão, o compartilhamento não importa de quê é mais importante do que o código em comum (COUTO, 2017), é possível existir comunhão e interação entre diferentes espécies, como certamente tutores de *pets* e pessoas que estudam e trabalham com animais podem atestar. Mas para que isso ocorra, é preciso que haja abertura dos dois lados: por parte do humano e do animal não humano.

É justamente nesse ponto que o conto em análise traz uma indagação inquietante: a comunhão entre diferentes espécies é possível e desejável em um visão ecológica de mundo, mas será que ela ocorre? Quando um gato roça nas pernas de Hugo momentos antes da prova, como já mencionado anteriormente, não há comunhão entre eles, como se evidencia no trecho: “Ele se agachou para acariciá-lo, mas, ao tocar no felino, uma onda de calor irradiou por todo o seu corpo, e o susto espantou o gato, que fugiu em disparada” (RODRIGUES, 2021, p. 53). A tentativa de aproximação do felino pode ser encarada como um esforço em direção à comunhão, mas o estranhamento que ocorre em sequência impede que ela seja concretizada.

Após a transmutação ocorrida no banheiro, entretanto, Hugo reencontra o mesmo gato que ele havia tentado acariciar mais cedo e se dá conta de quem ele é: “Percebeu o que era tão familiar

ECO-REBEL

no gato que o encarava: seus olhos. Os olhos daquele que o recepcionara dez semestres antes”. Apenas quando Hugo também se transforma em gato é que ele reconhece seu antigo veterano no corpo do felino. Mas, antes de entrar no reconhecimento entre os personagens, cabe aqui uma reflexão acerca dessa troca de olhares entre eles:

A seguinte questão se apresenta: o que sabem, de fato, os cães (e outros animais) sobre nós, humanos? O que eles são capazes de nos perguntar sem palavras? Dado que somos incapazes de chegar, pela razão, a uma resposta, cabe-nos capturar, pelos sentidos, algo do que eles dizem sem propriamente dizerem [...] Os seres não humanos também possuem um saber próprio sobre o que olham, e, mesmo que não compartilhem uma linguagem comum, a comunicação com eles se torna possível por outros jeitos que não através de palavras articuladas (MACIEL, 2023, p. 77-78).

Conforme a autora atesta acima, a ausência de palavras não implica a ausência da comunicação ou mesmo da comunhão, como tem sido discutido. A troca de olhares entre os personagens deixa uma incógnita a respeito do que o felino percebe naquele que encara. A partir de um exercício imaginativo – do leitor, visto que o próprio autor não entra nas percepções do felino – é possível apenas conjecturar o que aquele felino já sabia sobre o protagonista ou o que estava tentando lhe comunicar durante as tentativas de contato. De modo geral e não apenas no âmbito literário, ainda há muito o que ser descoberto sobre linguagens não humanas e comunicação interespecie.

Voltando ao reconhecimento entre os personagens, o trecho transcrito da obra evidencia o não reconhecimento entre as espécies diferentes, ressaltando que esse reconhecer vai muito além de apenas identificar de quem se trata. É também a falta de entendimento e de conexão, que levam à dissociação entre as diferentes espécies, como se a coexistência de diversos seres no mundo fosse pautada apenas no afastamento e na diferença. A não comunhão entre o protagonista e o gato antes do desfecho da história provavelmente advém da visão de que entre um humano e um animal não podem haver semelhanças que levem a uma aproximação.

Dessa forma, o discurso predominante no conto é o de estranhamento e não compreensão entre gato e humano. A respeito dos significados da transmutação, ora tendem para a punição, ora tendem para a libertação. No primeiro caso, o protagonista parece encarar o seu destino como um castigo, como uma penitência a ser sofrida por não ter correspondido à expectativa de ser um bom aluno. Expectativa essa que não se sabe de onde vem: de seus pais, familiares, amigos, colegas,

ECO-REBEL

professores ou de si mesmo. É provável que seja mais uma voz social presente na narrativa, visto que a ideia de que jovens devem priorizar os estudos é uma concepção difundida em sociedade.

O segundo caso, a transmutação enquanto libertação, começa a ser sutilmente sugerido no começo da história, quando Hugo sente o desejo de subir nos telhados e não mais ser encontrado. É confirmado ao final, quando ele se espreguiça e não mais se lembra de nada do que o afligia. Ser um felino, nessa perspectiva, parece ser uma emancipação, como se a vida que ele tentava levar – ser bom aluno, tirar boas notas, corresponder às expectativas – fosse uma prisão. Enquanto felino, não há nenhuma ansiedade em ter bom desempenho acadêmico, há apenas o vaguear pela universidade.

Em ambos os casos, é possível concluir que os gatos não chegam a ser inferiorizados, mas sim antagonizados: humano e animal não se associam, apenas se opõem, reforçando a visão dicotômica que predomina na nossa sociedade e o misticismo normalmente associado aos felinos. Não há mutualidade na relação humano-animal, enxerga-se apenas o que os tornam diferentes.

4 Considerações Finais

Quando a transmutação do protagonista se encerra, a desimportância da prova se instaura e as angústias dos últimos meses são esquecidas. Hugo não consegue se lembrar o que o afligia e apenas se espreguiça tranquilamente. O fato de sua ansiedade dissipar com a metamorfose evidencia que a pressão de ser bem sucedido é essencialmente humana; na animalidade, há apenas paz, aceitação e liberdade.

O reencontro com seu veterano, também gato, mostra que o reconhecimento só existe entre indivíduos da mesma espécie, pois o antagonismo existente entre humano e animal não permite que haja uma aproximação entre eles. Importante ressaltar, também, que esse antagonismo advém da visão dicotômica que predomina na sociedade ocidental.

O conto também parece reforçar o misticismo que tem sido associado aos gatos no decorrer da história. Aqui eles não chegam a ser endeusados ou demonizados, mas certamente são incompreendidos. Há uma distância entre o humano e o animal não humano justamente pela falta de compreensão entre eles. Não se entende suas formas de ver o mundo e de existir nele, logo também não se interage.

Segundo Machado e Paixão (2014, p. 244), “a representação cultural que fazemos dos animais não-humanos afeta, positiva ou negativamente, a propensão das pessoas em modificar ou

continuar agindo de acordo com uma concepção especista". Isso significa que não precisamos nos sujeitar às percepções que foram historicamente construídas na nossa cultura e na nossa sociedade, mas podemos intervir nelas de modo a construir novas percepções e levar a uma convivência mais harmoniosa. Trata-se de um processo no qual a literatura pode ter uma contribuição valiosa.

Maciel (2023, p. 28) afirma que “graças às experiências ficcionais e poéticas dos escritores, atravessamos as fronteiras entre as espécies e acedemos à outra margem, a dos animais não humanos, num encontro também com a animalidade que está dentro de nós”. É exatamente essa experiência que o conto proporciona aos seus leitores: talvez não uma ascensão à outra margem, mas certamente um convite a pelo menos olhar a animalidade que existe em cada um de nós.

Referências

ASSIS, Mayara Macedo; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; PINHEIRO, Zilda Dourado. A interação ficcional pela perspectiva da Análise do Discurso Ecosistêmica: um estudo de fábulas. In: *Ecolinguística: Revista Brasileira De Ecologia E Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 9, n. 2, 2023, p. 5–18.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

CARROBREZ, Mayara; LESSA, Patrícia. Por um ecofeminismo animalista: contribuições de Carol Adams e Greta Gaard. In: ROSENDO, Daniela et al. (Ed.). *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Ape'Ku Editora, 2019.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

COUTO, Elza Kioko Nakayama do. *Ecolinguística – Um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Coleção: Linguagem e Sociedade Vol. 4. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do. *Ecolinguística e imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. *Análise do discurso ecosistêmica (ADE): teoria e prática*. Brasília: Programa de Pós- Graduação em Linguística / Universidade de Brasília, 2021.

COUTO, Hildo Honório do. Comunhão. *Blog Meio Ambiente e Linguagem*, 22 dez. 2017. Disponível em: <https://meioambientealinguagem.blogspot.com/2017/12/comunhao.html>. Acesso em: 2 fev. 2024.

ECO-REBEL

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.

COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; BORGES, Lorena Araújo de Oliveira. *Análise do discurso ecológica – (ADE)*. Coleção: Linguagem e Sociedade vol. 9. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

FORTE, Diego. Pandemics and non-human animals in the Argentine press: extended carnism and industrial fatalism. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 06, n. 04, p. 38-61, 2020.

INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 10, p. 39-53, 1995.

JACOBS, George; SUWONDO, Aji Seno. Analysis of a television episode on the intelligence of pets. *Ecolinguística: Revista Brasileira De Ecologia E Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 9, n. 1, p. 20–36, 2023.

KHEEL, Marti. A contribuição do ecofeminismo para a ética animal. In: ROSENDO, Daniela et al. (Ed.). *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Ape'Ku Editora, 2019.

MACHADO, Juliana Clemente; PAIXÃO, Rita Leal. A representação do gato doméstico em diferentes contextos socioculturais e as conexões com a ética animal. *INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar*, vol. 11, n. 1, p. 231-253, 2014.

MACIEL, Maria Esther. *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano*. São Paulo: Editora Instante, 2023.

RODRIGUES, Anderson. Os gatos te esperam. In: DERMOND; LOWË, Gutenberg (orgs.). *O gato e outros contos felinos*. Clássicos & Contemporâneos. Brasil: Ficções Pulp!, 2021.

SILVA, Anderson Nowogrodzki da. O conceito de discurso sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológica. *BOLETIM DO GEPEL (Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica)*, n. 10, 2022.

Aceito em 30 de abril de 2024.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 2, 2024.